

JOÃO PRA TUDO



Tipo Popular anno 1900
JOÃO PRÁTICO

NATURAL.

14 SULTANA TIPOS POPULARES - JOÃO PRA TUDO (WERNERSEN PICTURA)

Caríssimos leitores. Sultana, ao surgir a luz da publicação, ao encontrar o valor de legistas, os seus princípios e passagens de legistas, não teve o não ter muito tempo a não ser este... proporcionar nos seus leitores, horas de leitura, a mesma, e as que perpetuem a paciência e a cultura das letras, para que possa mostrar à vinda, a grande uma reencarnação do passado. E recordado, é tão agraável. Certo, eu já que se fala aqui do passado que dizia a todos, e não do triste, porque não quero pasta de reencarnar aquele de amargura. Não recuá-lo, com aqueles nos seus avós, os tempos idos? Não nos deixamos empobrecidos ante as disciplinas de cultura, e não guardamos, com carinho religioso, documentos de era remota? Assim la rão os nossos filhos.

Comparamos uma e outra época, e nesse espaço de tempo, abismamos pela carreira vertiginosa do progresso e a com os nossos tempos, dizem: «O tempo é diferente de outros tempos de nossos avós!» Assim dirão no futuro os nossos filhos, e os nossos filhos, leitores amigos, não ma-



is joão de que, eu, quer perpetuar aqui a memória d'aquela que foi o rei dos tipos populares - João Prático - poeta laureado, poeta popular. O rubicundo deus, a mal fructada lha, a dita christina singela, ao passar em revista os tipos populares da sua bagrodada terra, abre parênteses sobre a situação, para colhear o retrato daquilo que há e mais apreciados dos seus tipos populares, cuja perda Juníbal sente e sentia, e por acuta secularum. Amem.

João Prático era querido. Não gozava com o branco uma ocasião - era especialmente sempre o abito, contador de muitos dos detalhes à vida, um homem com a parte inofensiva da realidade das coisas, mas dos de sua alma, mesmo, da sua imaginação repressiva. A nome, sua flor predilecta, ostentava, diariamente, na lapela, e bem aberta, e enorme dava um que se gravou no seu porte, e no seu olhar de tão oculto; indigesto, saber ser idalgamente popular. Era perfeitamente o homem do século; o homem que não se queriam. Assim a João Prático, na Igreja Matriz, as matrizes sempre nos anunciava, pelas ruas da cidade, as horas do Torneio do Senhor, nas Semanas Santas. Ambas trazem bem grandes as notícias suas. Talvez não haja outra cidade que tivesse a ventura de contar em seu meio, um tipo assim multivalente popular. Jamais se encontra e não se vê no povo se contraria. O 13 de Maio era um festa máxima. No 23... a casa do João Prático, como dizem - nos seus dias, erga-se ao céu, pendendo balas, que, há

15 SULTANA

so os seus apreciavam como também, os nossos. Que também maravilhosos o Prático dirigiu! A propósito destes heros popular quem há como se possa dizer, mas, a falta de espaço me obriga a resarar esta christina. Dea, deus que há tempo vouo collectionando de tudo quanto se escreve de Jaudakly d'antão e do modernismo, destino este acrostico, que há anos, não me lembra, mais de que se, veio ter em minha mão. Está - he provado, em um certo tom seu retrato, e certo, com uma despretensão, e sem pontuar, sublimemente, a ordem da sua, era fide nosa terra, a grande tipo popular? João Prático.

BEIJOS . . .

Um novo volume de poemas, de grande interesse, de grande beleza, de grande originalidade. Um volume de 100 páginas, com 100 poemas, de grande beleza, de grande interesse, de grande originalidade.

Editora: SULTANA

Facas & Fachadas S.L.L.

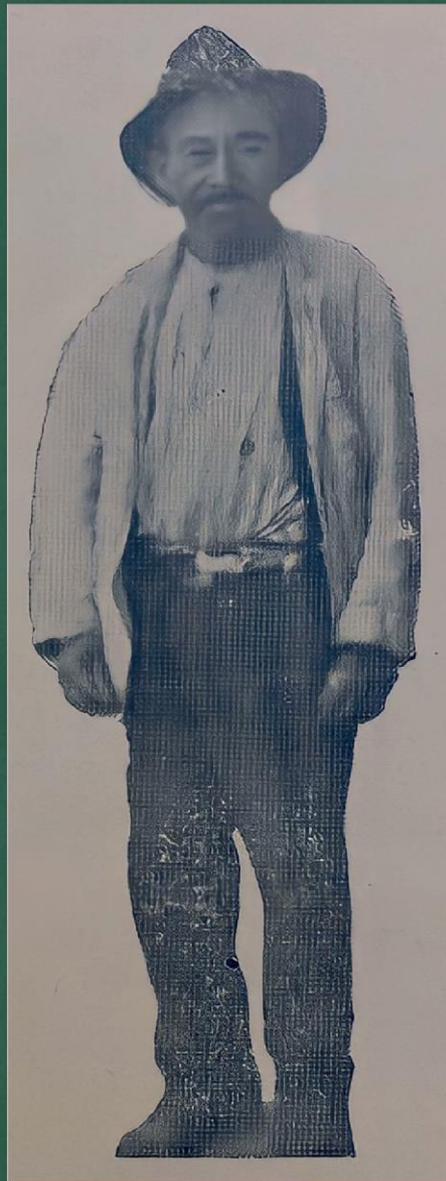
Um novo volume de poemas, de grande interesse, de grande beleza, de grande originalidade. Um volume de 100 páginas, com 100 poemas, de grande beleza, de grande interesse, de grande originalidade.

Editora: SULTANA

A revista Sultana – publicada nos anos 20 do século passado – dedicou suas principais páginas às vozes de excluídos sociais como João Para Tudo (também João Prá Tudo ou João Faz Tudo) e Daniel, o Trovador. Um feito editorial para a época, levado a cabo pelos jornalistas João Baptista Figueiredo e Casemiro Brites Figueiredo.

Apesar disto, outros autores empregaram determinados conceitos culturais e linguagens incorretas para o período, assim como para os dias de hoje.

TROVADOR



18

SULTANA

TYPOS POPULARES

II
SALVADOR. O TROVADOR

É o homem das canções e dos desafios a viola. Nos dias "chuvinhos" ou de "calor" sufocante nos seus olhos amortecentes — efeito do "espírito" — parece-se nelle a v-rve nordestina dos cantadores de lados e embolados. Anno Bom Reis, Carnaval, Semana Santa São João, Natal, Eloições, feriados nacionaes, dias santos e . . . os demais do anno, elle o sempre disposto, ajudado pela crystallina "Pracatú", a dedilar nas cordas sonhantes da viola, canções dolentes e carnavalescas.

Rambo, Maruca, bano.
Bano e pa cardaky.
Cum todo mesé vas
Só contage não qué!

Nos seus vastos domínios (palataqueres de terra, lá p'ras bandas de

Juquery, terras cças, na sua opimão, quasi ninhos de fadas, com castellos sumptuosos, cercados por lagos artificiaes, em cujas aguas serenas deslizam mansamente gondoles venezianas e em cujas praias de areias douradas brincam, imaginarios eymes encantados, arguho seu, a mostrar ao viandante que passa a pujança de seu pseudopoderio. Ai, de quem lhe usurpar os bens ou de destronar o dec-



Especial para
-SULTANA-

sa região maravilhosa, que só elle é capaz de governar, dirigindo o "leuê salvador". Pensando nessas maravilhas elle canta.

Nam vô nám vô
Um vô, não quero!
Longe de meus jarretes
Merec' vas júbis de aim.

Assim leva a vida esse bohemio incorrigivel e gozado. Não se esquece do dia 15 de Agosto, data essa que lhe é muito grata, pois que além de ser commensal predilecto dos deliciosos quitutes de "Mãe Perpetua", tem oportunidade de expor as gerrulas creanças, a leveza desses dedos agéis e a "maçieza" de sua voz, em canções tão suas. Foi numa dessas festas que sua viola soluçoa e elle canta:

Sua dotó faiz anno
E faiz grande festança
Mãe Perpetua, trapalada
Beto o Vado na dança

- X -

Outro dia elle veio de azar para a cidade. Estava mesmo "chramonado", pois logo ao subir a Rua Barão, o corriqueiro photographo da "Sultana", zis, photographo o, aborrecendo-o bastante. Entra n'uma Pharmacia e procura sentar-se. Mas inexplicavelmente a

SULTANA

19

cadeira afastou-se (pixada por alguem) e elle depois de fazer a sua "pirueta" escaitouse no chão. Sabia desesperado, e ao atravessar a Praça Rui Barbosa, deu com uma janella do Acengue de Emergencia aberta. Foi espiar. Uma lista d'agua fria, atirada à face, castigou-lhe a curiosidade. Foi a preta que lá habitava quem a tirou. Com tanto azar, elle resolveu voltar para casa, cantando:

Ramona,
Teus labios rubros de coral . . .
Não terminou. Ao descer a

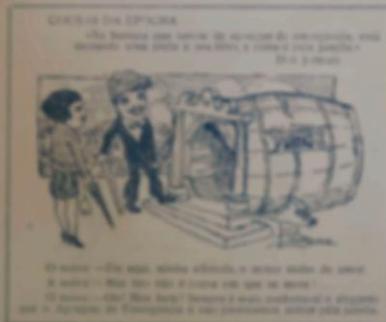
escadaria do Morro do Grupo errou um degrão e desceu em acelerado e após percorrer velozmente os 110 degrãos, achou-se na calçada da Rua Vignrio, dizendo:

- Já sei! Foi a Ramona

Um gramophone, ao longe, excentava a "Ramona", mas o salvador, arrependido, cantava:

Fu hej-estó peçado
O zis lá vô a lua.
Fô todo escangado
Su pre' casa da "Ramona".

Aro.



PMJ
UGC - AH

JOSÉ DO PATROCÍNIO, O ZÉ CARIOCA



José do Patrocínio Oliveira (Jundiá, 11 de fevereiro de 1904 – Los Angeles, 22 de dezembro de 1987), mais conhecido pelo pseudônimo Zé Carioca, foi um violonista, banjoísta e cavaquinista brasileiro.

Autodidata em instrumentos musicais, Zé Carioca tocava violão, cavaquinho e banjo. Trabalhou como funcionário do Instituto Butantan de São Paulo. Em 1931, passou a atuar na Orquestra Columbia, dirigida pelo maestro Gaó, apresentando-se na Rádio Cruzeiro do Sul. Nessa época, trocou o cavaquinho pelo banjo, o que lhe valeu o apelido de Zezinho do Banjo. Em 1932, foi para o Rio de Janeiro, por intermédio de César Ladeira, passando a atuar na Rádio Mayrink Veiga. Naquela emissora, trabalhou ao lado de grandes nomes do cenário artístico de então: Garoto, Pixinguinha, Néelson Souto, entre outros. Ladeira, quando passou a ser diretor artístico do Cassino da Urca, o levou para atuar na famosa casa. Foi ali que conheceu Carmen Miranda em 1939. Logo depois, seguiu para os Estados Unidos com a Orquestra de Romeu Silva, para atuar no Pavilhão Brasileiro da Feira Mundial de Nova Iorque de 1939-40.



Carmen Miranda e os integrantes do grupo musical Bando da Lua (da esquerda para a direita Zé Carioca, Vadico, Nestor Amaral, Afonso, Stenio e Aloysio de Oliveira).



desenho animado produzida pelos estúdios Disney, no clássico *Você já Foi à Bahia?*, ao lado de Aurora Miranda.

Permaneceu nos Estados Unidos, trabalhando para a Disney Produções e atuando como músico. Nos últimos anos de vida, apresentou-se diversas vezes no Restaurante Marquis Martoni, em Hollywood. Voltou ao Brasil por várias ocasiões, especialmente nos anos 1980, onde se exibiu em alguns programas da Rede Globo, sob direção de A. C. Vannucci.



Por volta de 1940, assinou contrato com a **20th Century Fox**, para atuar ao lado de Carmen Miranda e do Bando da Lua, em vários filmes: *Uma Noite no Rio*, de I. Cummings, *Aconteceu em Havana*, de Walter Lang, além de outros. Foi nesta época que conheceu Walt Disney, por intermédio de Aloysio de Oliveira, passando a dublar personagens de desenhos animados. O contato com Disney inspirou o produtor americano a criar o personagem Zé Carioca, símbolo do bom malandro brasileiro. Em *Alô, Amigos*, além da dublagem do famoso papagaio, ele apareceu tocando *Na Baixa do Sapateiro* de Ary Barroso e *Tico-tico no Fubá*, de Zequinha de Abreu. Em 1944, voltou a dar voz a Zé Carioca e a atuar em mais uma combinação de filme e

PMJ
UGC - AN

Acesse a biografia do
Zé Carioca no **Wikipedia**
pelo QR Code ao lado:

